



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No Brasil, BCB deve mostrar que crédito fechou 2023 com alta de 6,8%. No cenário internacional, PIB dos EUA e reunião do BCE movimentam a semana

O saldo total da carteira de crédito deve avançar 1,2% em dezembro, fechando 2023 com crescimento de 6,8%, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. O avanço no mês deve ser disseminado entre as carteiras (por recursos e segmentos), com destaque para a carteira PJ Livre (+2,4%), impulsionada pelas linhas de fluxo de caixa, diante da sazonalidade positiva de fechamento de trimestre e das compras de fim de ano. O resultado marca o 6º ano seguido de expansão da carteira de crédito, mas com alguma desaceleração após as altas de dois dígitos entre 2020 e 2022. Na margem, o ritmo de expansão anual da carteira deve seguir perdendo força, porém de maneira mais contida, dando sinais de estabilização. A Nota de Crédito deve ser divulgada pelo Banco Central na sexta-feira (26). Veja mais detalhes da Pesquisa Febraban nas páginas [7 e 8](#).

A semana também traz a prévia da inflação (IPCA-15) de janeiro, que será conhecida na sexta (26) e deve mostrar alta de 0,47% no mês, pressionada pelos preços dos alimentos. Por outro lado, os preços dos combustíveis devem seguir em queda, contribuindo para manter o índice em trajetória de desaceleração em 12 meses (de 4,72% para 4,63%). Os agentes, contudo, seguirão atentos à dinâmica das medidas mais sensíveis à política monetária, como os núcleos de inflação, dada a sua importância para a condução da política monetária.

O Banco Central divulga o resultado das contas externas de dezembro na quinta (25) e deve mostrar que o país fechou 2023 com o menor déficit desde 2017, fato que tem contribuído para manter a taxa de câmbio abaixo de R\$/US\$ 5,0. O saldo em transações correntes deve mostrar déficit de US\$ 7,5 bi em dezembro, abaixo do observado em dez/22 (US\$ -11,4 bi). Assim, o país deve ter fechado 2023 com um déficit externo de US\$ 29,7 bi (-1,4% do PIB), o menor desde 2017 (-1,2% do PIB) e menos que a metade do déficit de 2022 (-3,0% do PIB). Esta melhora é explicada pelo robusto superávit na balança comercial, que encerrou o ano em patamar recorde (próximo a US\$ 80 bi, no conceito do BCB). Adicionalmente, a entrada de investimentos diretos no país seguiu razoável (cerca de US\$ 60 bi), financiando com alguma folga o déficit externo em conta corrente.

Também serão conhecidos dados de atividade e contas públicas ao longo da semana. Hoje (22) cedo, a FGV divulga o Monitor do PIB de novembro que, assim como o IBC-Br, deve mostrar relativa estabilidade da atividade no mês, mantendo a tendência de desaceleração da economia no último trimestre de 2023. A FGV também divulga as sondagens de confiança do consumidor e do setor de construção na quinta (25) e na sexta (26), respectivamente, ambas referentes à janeiro, trazendo as primeiras percepções sobre a atividade econômica no início de 2024. Já a Receita (RFB) deve divulgar, embora sem data definida, a arrecadação de impostos federais de dezembro, que deve mostrar uma alta real de 4,3% ante dez/22. No ano, a arrecadação (em termos reais) deve ficar praticamente estável (-0,2%) ante 2022, refletindo, de um lado, o menor volume de impostos ligados ao lucro das empresas (especialmente exportadoras de *commodities*), mas, do outro, compensadas pelo aumento da arrecadação previdenciária (aumento da ocupação) e pelas medidas adotadas pelo governo.

No cenário internacional, um dos destaques da semana será a 1ª leitura do PIB norte-americano referente ao 4º trimestre de 2023, que deve seguir em expansão, mas em um ritmo menor do que o observado no 3º trimestre. O resultado será conhecido na quinta (25) e o consenso do mercado projeta alta (anualizada) de 2,0% no 4T23 (ou +0,5% na margem). Caso se confirme, o PIB dos EUA registrará crescimento de 2,5% em 2023, acima do observado em 2022 (+1,9%) e das expectativas do início do ano (+1,4%), reforçando a resiliência da economia dos EUA mesmo em meio ao ciclo de elevação da taxa de juros pelo Fed. O crescimento do ano foi beneficiado pelo forte avanço do consumo das famílias e, em menor grau, pelos gastos do governo e investimentos fixos. Além disso, o resultado deve reforçar a tese de “pouso suave” na economia nos EUA, o que tende a consolidar as apostas de que o Fed deve iniciar o processo de flexibilização monetária apenas a partir do 2T24.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Destaque também para a reunião de política monetária na Zona do Euro, na quinta (25), na qual o Banco Central Europeu deve manter a taxa de juros de referência do bloco em 4,5% a.a. Por ora, os diretores do BCE tem sinalizado que ainda é cedo para iniciar o processo de queda das taxas de juros e que isto deve ocorrer apenas no verão europeu (reuniões de junho ou julho). Contudo, diferente dos EUA, a atividade na região tem mostrado alguma fraqueza, especialmente na Alemanha, enquanto a inflação mostrou uma desaceleração acentuada com a redução dos preços de energia. Assim, será importante verificar se o colegiado fará alguma mudança em sua sinalização, no sentido de sugerir a possibilidade de uma antecipação do início do processo de queda dos juros na região.

Ainda na semana, serão conhecidos outros dados de atividade e inflação dos EUA e da Zona do Euro. Na quarta (24) serão divulgadas as prévias de janeiro dos índices PMIs (indústria e serviços), que darão o tom de como a atividade tem evoluído neste começo de ano em ambas as regiões. Além disso, na sexta (26), nos EUA também serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais de dezembro e o deflator dos gastos de consumo pessoal, o índice PCE, que deve fechar 2023 com alta de 2,6% (ante 5,4% em 2022), mas com o núcleo (sem alimentos e combustíveis) em nível mais elevado, em 3,0% (ante 4,9% em 2022).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/jan	FGV: Monitor do PIB	Nov/23	-	0,1% m/m 2,4% a/a
25/jan	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Dez/23	US\$ -7,5 bi	US\$ -1,6 bi
25/jan	Reunião do CMN	-	-	-
25-26/jan	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor e Construção	Jan/24	-	-
26/jan	IBGE: IPCA-15	Jan/24	0,47% m/m 4,63% a/a	0,40% m/m 4,72% a/a
26/jan	BCB: Nota de Operações de Crédito	Dez/23	1,2% m/m* 6,8% a/a*	0,9% m/m 7,1% a/a
Sem data	RFB: Arrecadação Federal da Impostos	Dez/23	4,3% a/a	-0,4% a/a

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/jan	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jan/24 – prévia	-14,3 pts	-15,0 pts
24/jan	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jan/24 – prévia	44,7 pts / 49,0 pts	44,4 pts / 48,8 pts
24/jan	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jan/24 – prévia	47,5 pts / 51,0 pts	47,9 pts / 51,4 pts
25/jan	Zona do Euro	BCE – Reunião de Política Monetária	-	4,00% aa; 4,50% aa 4,75% aa	4,00% aa; 4,50% aa 4,75% aa
25/jan	EUA	PIB	4º tri/23 – prévia	2,0% t/t (anualizado)	4,9% t/t (anualizado)
25/jan	EUA	Pedidos de bens duráveis	Dez/23	1,1% m/m	5,4% m/m
25/jan	EUA	Vendas de casas novas	Dez/23	10,0% m/m	-12,2% m/m
26/jan	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Dez/23	0,3% m/m 0,4% m/m	0,4% m/m 0,2% m/m
26/jan	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Dez/23	2,6% a/a	2,6% a/a
26/jan	EUA	Vendas de casas pendentes	Dez/23	2,0% m/m	0,0% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Atividade fica estável em novembro e mantém percepção de um 4T23 modesto

O índice IBC-Br de atividade econômica ficou estável em novembro, segundo o Banco Central do Brasil. O resultado sucede uma sequência de três meses em queda, quando o indicador acumulou retração de 0,9%. Além disso, deixou um carregamento estatístico negativo de 0,4% para o 4T23, sugerindo que o PIB pode ter recuado no último trimestre do ano.

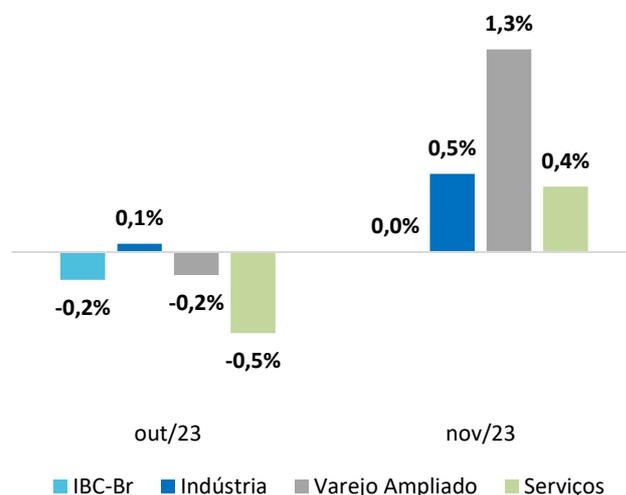
O resultado do índice IBC-Br foi relativamente decepcionante, dado que os principais setores registraram crescimento no mês, como a indústria (+0,5%), o varejo (+1,3%) e o setor de serviços (+0,4%), cujos resultados dos dois últimos também foram conhecidos na semana passada. Desta forma, supõe-se que a agropecuária recuou em novembro, impedindo uma alta da atividade (medida pelo índice IBC-Br) no mês.

O varejo (ampliado) cresceu 1,3% no mês, impulsionado pelas promoções da *Black Friday*. A alta foi difusa no setor, com expansão em 8 das 10 atividades pesquisadas pelo IBGE. Destaque para as vendas de materiais de escritório e informática (+18,6%), móveis e eletrodomésticos (+4,5%) e artigos de vestuário (+3,0%), que se beneficiaram das promoções do período. Além disso, as vendas de veículos e partes (+4,0%) também mostraram um avanço relevante. Por outro lado, apenas as vendas de artigos farmacêuticos (-1,6%) e de papelaria (-1,5%) recuaram no mês.

O resultado sinaliza que o consumo das famílias segue resiliente, com provável novo crescimento no 4T23, sustentado pela expansão da massa salarial (ocupação e rendimento) e desaceleração da inflação.

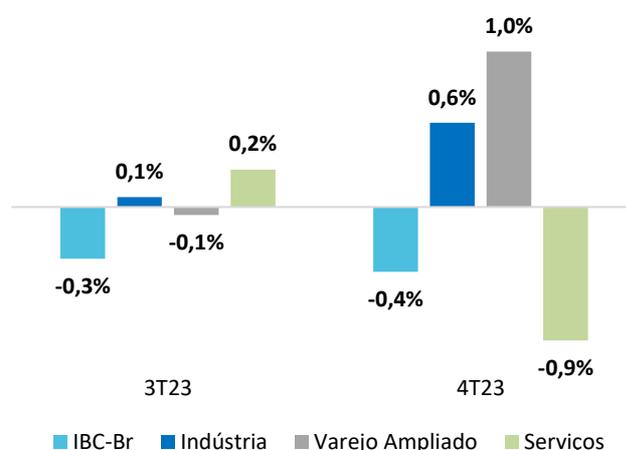
Já o setor de serviços avançou 0,4% em novembro, beneficiado pela realização de uma série de eventos musicais. O resultado reverteu uma sequência de três quedas consecutivas, mas insuficiente para compensar o recuo acumulado de 2,2% entre agosto a outubro. A alta do mês foi liderada pelos outros serviços (+3,6%) e serviços prestados às famílias (+2,2%), que se beneficiaram dos *shows* internacionais que ocorreram no mês, segundo o IBGE. Além destes, os serviços profissionais e administrativos (+1,0%) também cresceram em novembro. Na contramão, as duas atividades de maior peso da pesquisa, os transportes (-1,0%) e os serviços de informação (-0,1%) recuaram.

Quadro 1: Indicadores de Atividade Var.% Mensal



Fonte: IBGE e BCB

Quadro 2: Indicadores de Atividade Var.% Trimestral*



Fonte: IBGE e BCB. *Carry over para o 4T23

Apesar do crescimento do mês, o indicador do setor de serviços apresenta um *carry over* negativo de 0,9% para o 4T23, sinalizando que o setor perdeu tração no fim de 2023, dentre outros motivos, pelo fim do impulso gerado pela safra recorde, que beneficiou a atividade de transportes no 1º semestre.

Em relação à inflação, a FGV mostrou que o IGP-10 subiu 0,42% em janeiro, pressionado pelos itens agropecuários no atacado. O IPA (índice de preços no atacado) também subiu 0,42% no mês, refletindo, de um lado, a alta de 2,22% dos itens agropecuários, e de outro, a deflação de 0,22% dos itens industriais. Entre os itens agropecuários, a alta foi liderada pela batata (+31,8%), feijão (+15,5%), milho (+10,5%) e café (+8,6%), enquanto no caso dos industriais, a queda foi puxada pelo óleo diesel (-9,6%). Os outros dois índices que compõe o IGP também subiram no mês: IPC – preços aos consumidores (+0,46%) e INCC – índice de preços da construção civil (+0,39%). Em 12 meses, o IGP-10 segue em deflação, de 3,20% (ante -3,56% em dez/23).

O resultado mostra que os preços dos alimentos devem continuar pressionando a inflação ao consumidor neste início de ano (assim como no 4T23), sendo uma fonte de preocupação. Contudo, os itens industriais e os combustíveis devem continuar bem comportados no curto prazo, compensando parte do impacto altista vindo dos alimentos.

Quadro 3: IGP-10
Var.% mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Atividade segue forte nos EUA pressionando juros futuros

As principais bolsas dos EUA terminaram a semana com viés de alta, sustentadas pela percepção de que a atividade, especialmente o consumo das famílias, segue em expansão. Tal movimento ocorreu mesmo com a elevação das taxas de juros das *Treasuries*, refletindo (além dos dados mais fortes de atividade) as declarações mais duras vindas de diretores do Fed (Christopher Waller e Raphael Bostic) que sinalizaram que o processo de corte de juros deve demorar mais para começar do que o precificado até o momento pelo mercado. Ainda, o PIB da China do 4T23 ficou relativamente em linha com o esperado, mantendo a cautela em relação às perspectivas para o país.

Quanto aos dados, o PIB Chinês cresceu 5,2% em 2023, após alta anual de mesma magnitude no 4T23. Apesar do resultado ter superado a meta do governo (5%), as preocupações seguem permeando a economia chinesa. O país enfrenta uma crise no setor imobiliário, de grande peso na economia local; as exportações também tem mostrado menor dinamismo devido à desaceleração global; além disso, também chama atenção o fato da população do país já estar em declínio. Para 2024, os analistas projetam um crescimento de 4,5%, que deve ser o piso da meta de crescimento deste ano (entre 4,5% e 5,5%), segundo informações. Assim, a tendência é que o governo chinês siga adotando novos estímulos para evitar uma desaceleração muito acentuada da economia em 2024.

Nos EUA, os dados de atividade de dezembro surpreenderam novamente, com bom desempenho das vendas no varejo (+0,6%), que ficou acima do esperado (+0,4%), impulsionadas pela venda de automóveis (+1,2%). Já a indústria subiu 0,1%, contra expectativa de estabilidade, mas diferente do varejo, segue sem grande ímpeto. A alta foi puxada pela mineração (+0,9%), que foi parcialmente compensada pela queda (-1,0%) do setor de *utilities*. A atividade ainda resiliente no país foi confirmada pelo Livro Bege, relatório divulgado pelo Fed, que apontou que os empresários consultados relataram pouca ou nenhuma mudança na atividade (desde o último relatório) e otimismo para o crescimento das empresas. Adicionalmente, alguns dados de dezembro do setor imobiliário também vieram acima das expectativas e a prévia de janeiro da confiança do consumidor (Univ. Michigan) atingiu o maior valor desde julho de 2021.

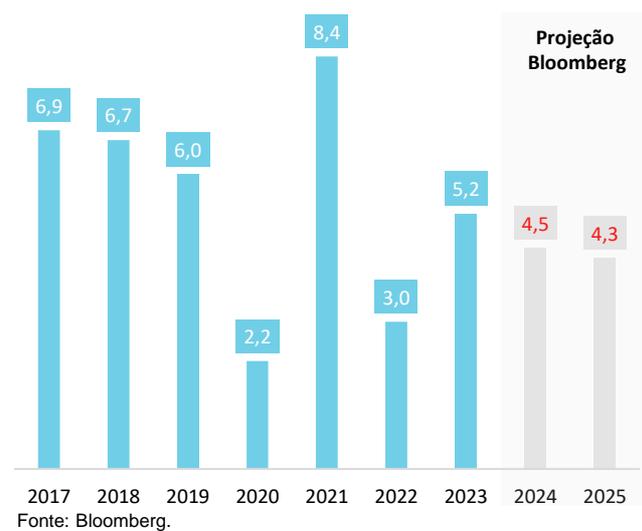
Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) fechou 2023 com alta de 2,9%, pressionada pelos preços dos alimentos (+6,8%) e dos serviços (+4,0%), mas com alívio vindo dos preços de energia (-6,7%).

Quadro 4: EUA – Rendimentos das *Treasuries* de 2 e 10 anos – Em % aa



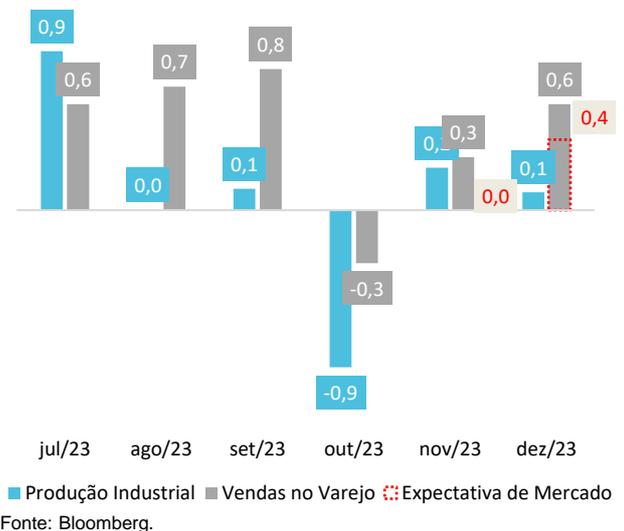
Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: China – PIB Var.% anual



Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve crescer 6,8% em 2023

O saldo total da carteira de crédito deve avançar 1,2% em dezembro, fechando o ano de 2023 com alta de 6,8%, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Na margem, o ritmo de expansão anual da carteira deve seguir perdendo força, porém de maneira mais contida, dando sinais de estabilização.

No mês, a alta deve ser disseminada entre as diferentes carteiras (por fontes de recursos e segmentos). Destaque para a carteira PJ Livre, que deve avançar 2,4%, impulsionada pelas linhas de fluxo de caixa, que são beneficiadas pela sazonalidade positiva de fechamento de trimestre e pelas compras de fim de ano.

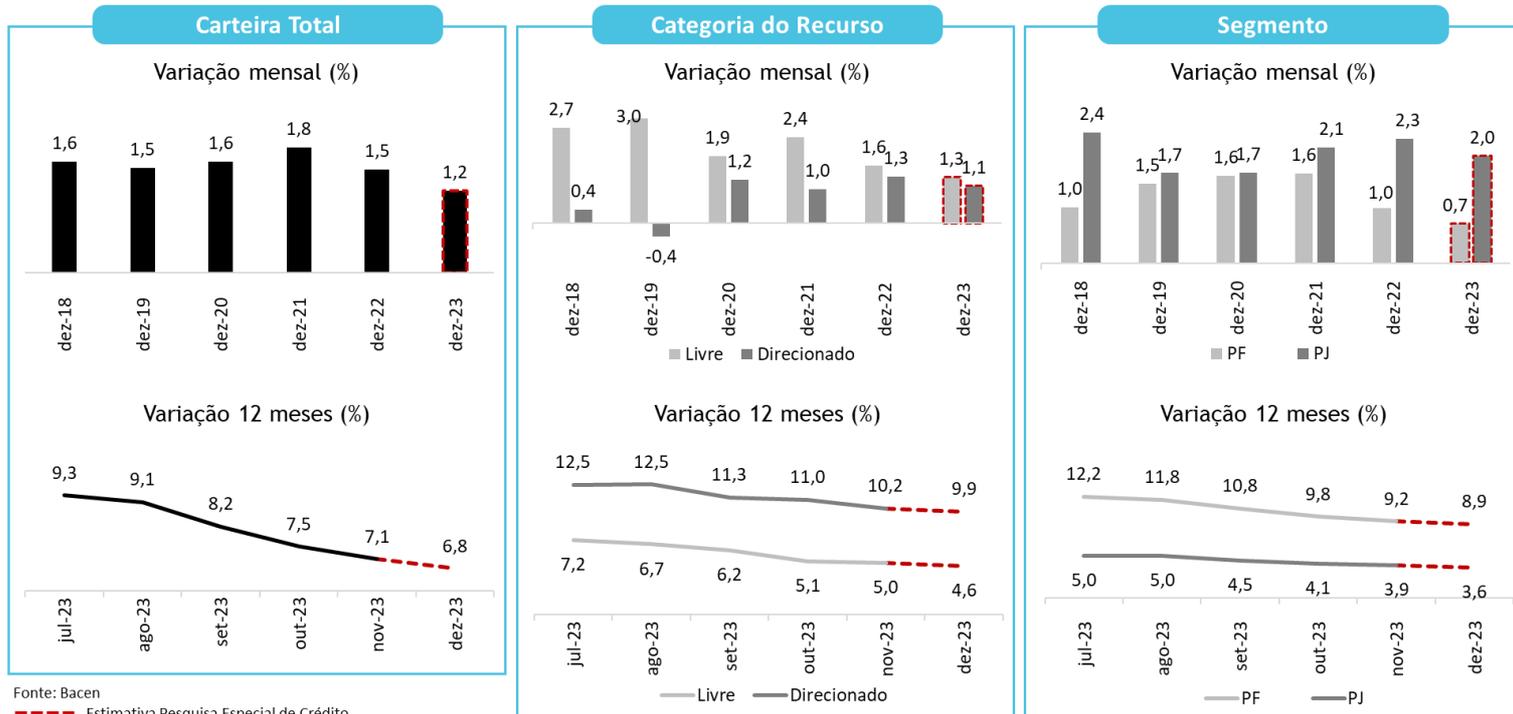
A carteira PF Livre (+0,5%) também é impulsionada pelas compras de dezembro, que eleva o saldo do cartão de crédito à vista. Por outro lado, deve haver um recuo no saldo das linhas rotativas, que perdem força diante do recebimento do 13º salário pelos trabalhadores. Por sinal, tal movimento deve ser mais intenso em 2023, diante da contínua redução do risco das carteiras por parte das instituições financeiras observada ao longo do ano.

As carteiras direcionadas também avançaram no mês, com alta estimada de 1,0% no segmento PF e de 1,2% em PJ, ambas impulsionadas por suas maiores linhas (crédito rural e imobiliário).

No ano, o crescimento da carteira será novamente liderado pelo crédito destinado às famílias, que deve fechar 2023 com expansão de 8,9%, mantendo-se como um importante canal para o consumo das famílias. O crédito às empresas deve mostrar crescimento mais modesto, de 3,6%, prejudicado pelos episódios de recuperação judicial no início do ano (incluindo caso de fraude contábil) e pela retomada do mercado de capitais ao longo do 2º semestre, que substituiu o crédito bancário, especialmente entre as grandes empresas.

No geral, o resultado marca o 6º ano seguido de expansão da carteira de crédito, mas com alguma desaceleração após as altas de dois dígitos do segmento entre 2020 e 2022. A perda de fôlego é explicada pela elevada taxa Selic, aumento da inadimplência e casos de episódios de RJ envolvendo grandes empresas no início do ano. Importante notar que a despeito das adversidades, o crédito ainda avançou no ano e deve voltar a acelerar ao longo de 2024, diante da redução das taxas de juros e da inadimplência.

Quadro 7: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta crescimento mensal de 4,8% em dezembro, encerrando 2023 com um volume 3,7% superior ao concedido no ano anterior.

O volume acumulado de novas concessões em 12 meses deve continuar em trajetória de desaceleração, mas, assim como no saldo, também sugerindo que tal processo está próximo do fim. Este movimento é visto tanto no crédito às empresas, que deve finalizar o ano com uma leve retração (-0,5%), quanto no crédito às famílias, embora, neste caso, ainda registrando uma alta importante (+7,3%).

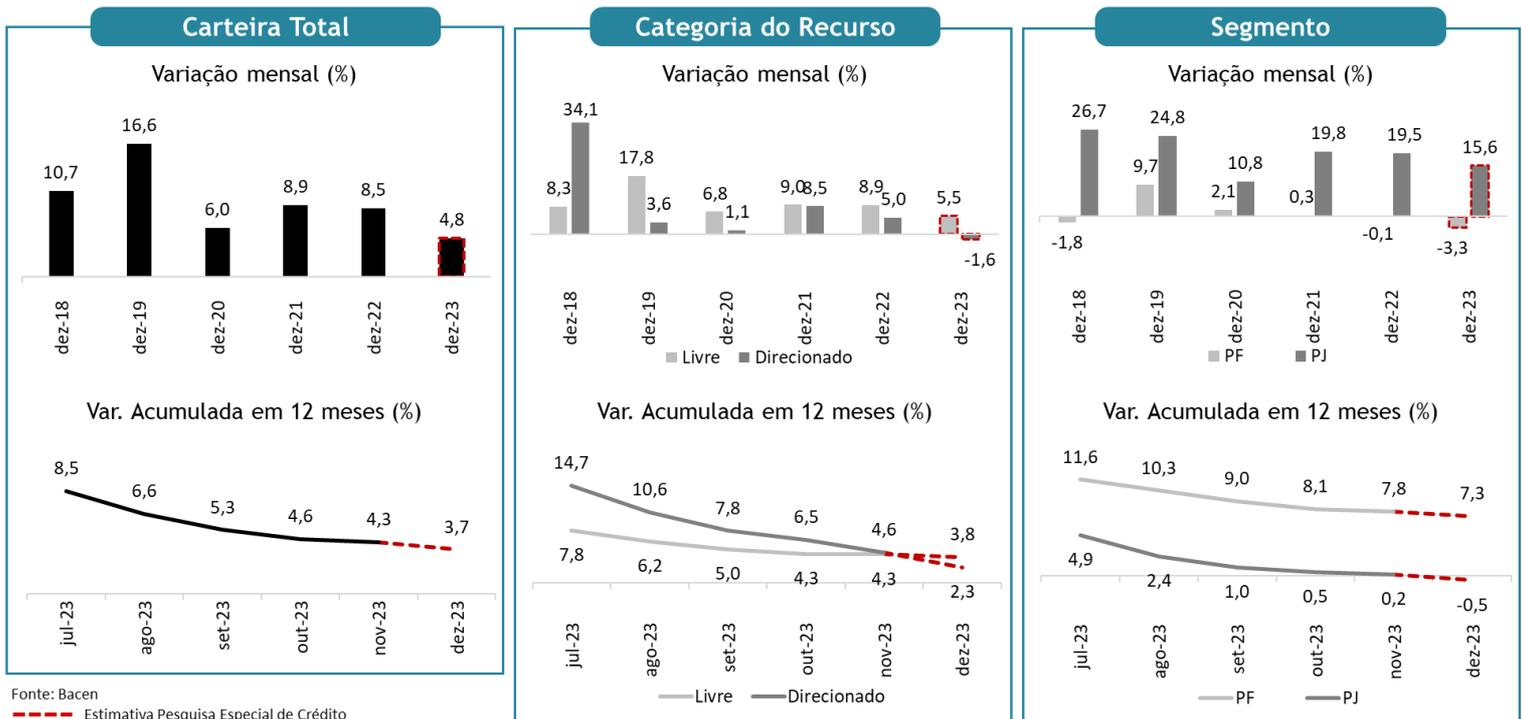
No mês, o aumento das concessões deve ser liderado pelas operações com recursos livres às empresas, em função da forte

elevação das linhas de fluxo de caixa (descontos de duplicatas e recebíveis e antecipação de faturas). Já as concessões com recursos livres destinadas às famílias devem mostrar um comportamento mais tímido: de um lado, impulsionadas pelas compras de fim de ano (cartão à vista); do outro, contidas pelo recebimento de rendas extras (13º salário, por exemplo), que limitam a tomada de outras formas de crédito (pessoal e linhas rotativas).

A Nota de Política Monetária e Crédito está programada para ser divulgada pelo Banco Central na sexta-feira, dia 26 de janeiro.

Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 8: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Dez/23

CRÉDITO / BANCOS

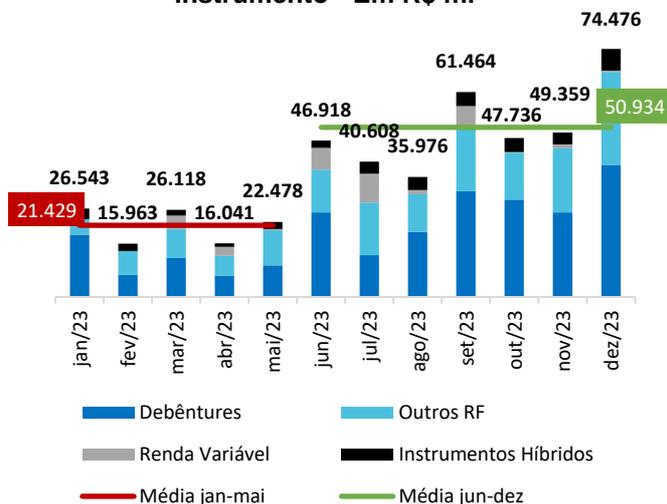
A Anbima divulgou que as captações do mercado de capitais doméstico totalizaram R\$ 74,5 bilhões em dezembro, com forte alta de 50,9% ante novembro, mas com ligeira queda de 2,5% ante dezembro de 2022 (dado que é normal dezembro ser o mês mais forte do ano em termos de emissões de títulos). De toda forma, o resultado reforçou a tendência de recuperação do mercado de capitais doméstico a partir de junho, quando a média de captações saltou de R\$ 21,4 bi entre janeiro a maio (período marcado pelos pedidos de recuperação judicial de grandes empresas como Americanas e Light, por exemplo), para R\$ 50,9 bi entre junho a dezembro.

Abrindo por instrumentos, o bom resultado do mês de dezembro foi disseminado entre os meios de captação, tendo sido o melhor mês do ano para as debêntures, demais instrumentos de renda fixa e instrumentos híbridos. As emissões de debêntures (53,3% do volume do mês) registraram alta de 56,1% no mês, atingindo R\$ 39,7 bi; já os outros instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs, FIDCs) subiram 44,7%, atingindo R\$ 27,9 bi. No caso dos instrumentos híbridos, a alta foi de 83,3% atingindo o patamar de R\$ 6,6 bi. Por outro lado, as emissões através de instrumentos de renda variável seguiram fracas, ocorrendo apenas 1 *follow-on* de R\$ 400 mi (ante R\$ 1,1 bi em nov/23), fechando o ano sem nenhuma oferta pública inicial de ações (IPOs).

Assim, 2023 registrou R\$ 463,7 bi em captações, queda de 18,6% em termos reais com relação a 2022, devido ao fraco desempenho do 1º semestre. De toda forma, a recuperação no 2º semestre permitiu que 2023 fosse o 4º melhor ano da série (desde 2011), com dados já ajustados pelo IPCA. No comparativo anual (em termos reais), apenas os instrumentos híbridos avançaram (+15,5%), enquanto as emissões via instrumentos de renda fixa (-17,3%) e renda variável (-48,4%) caíram, sendo que neste caso foram concentradas em operações de *follow-ons*. Ainda assim, alguns instrumentos registraram números interessantes, como as debêntures, com captação de R\$ 236,3 bi no ano, a 3º maior da série.

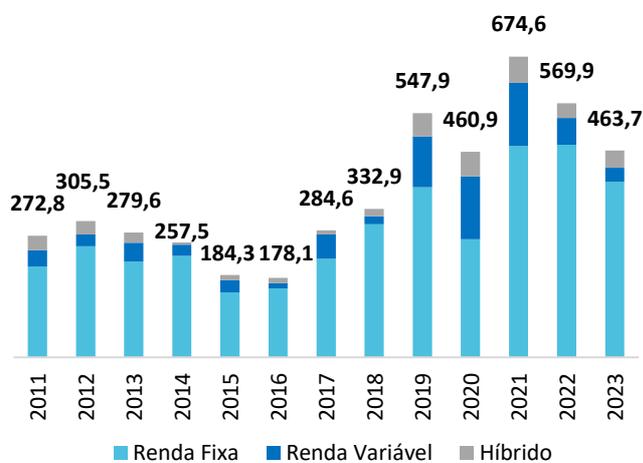
Portanto, mesmo com a taxa Selic em alto patamar, o mercado de capitais doméstico voltou à normalidade no segundo semestre, liderado pelas emissões de dívida (instrumentos de renda fixa). Para 2024, a expectativa é que o mercado de capitais siga em recuperação, voltando pelo menos ao nível de 2022 e com maior diversificação, com uma esperada maior participação de emissões de capital pelas empresas (incluindo algumas operações de IPO).

Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



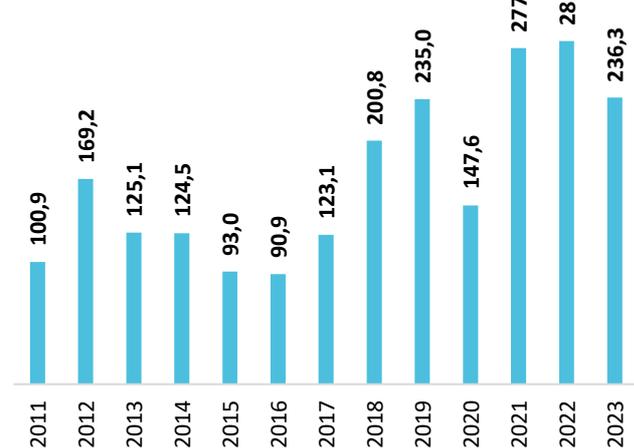
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 10: Volume anual de captação (R\$ bi) Preços de dez/23 – IPCA



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 11: Captações via Debêntures (R\$ bi) Preços de dez/23 – IPCA



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	19/01/24	12/01/24	22/12/23	Viés	19/01/24	12/01/24	22/12/23	Viés
IPCA (%)	3,86	3,87	3,91	▼	3,50	3,50	3,50	↔
PIB (% de crescimento)	1,60	1,59	1,52	▲	2,00	2,00	2,00	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	9,00	9,00	9,00	↔	8,50	8,50	8,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	4,92	4,95	5,00	▼	5,00	5,00	5,05	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	19/01/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,93	1,56%	1,50%	1,50%	-4,77%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	132,59	2,91%	0,10%	0,10%	-45,91%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,36	-1,05%	-2,44%	-2,44%	-16,80%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,08	0,32%	0,42%	0,42%	-24,91%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,34	1,67%	2,63%	2,63%	-17,75%
Índice Ibovespa (em pontos)	127.635,65	-2,56%	-4,88%	-4,88%	13,03%
IFNC (setor financeiro)	13.344,89	-0,96%	-3,32%	-3,32%	26,67%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	22,22%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,38	5,80%	3,17%	3,17%	6,25%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,12	4,66%	6,28%	6,28%	21,56%
Dollar Index	103,29	0,86%	1,93%	1,93%	1,21%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.839,81	1,17%	1,47%	1,47%	24,13%
Índice de ações de bancos – EUA	106,07	1,01%	-3,15%	-3,15%	-5,06%
Índice Euro Stoxx 50	4.448,83	-0,70%	-1,61%	-1,61%	8,66%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	117,88	-0,81%	-0,40%	-0,40%	13,71%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	78,56	0,34%	1,97%	1,97%	-8,82%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira